

REVISTA  
**ÁFRICA[S]**

E-ISSN 2446-7375  
ISSN Impresso 2318-1990  
Vol. 7 | Nº. 13 | Ano 2020

# EDITORIAL

## ANGOLA DO TEMPO PRESENTE

### Comitê Editorial Executivo

**Alexandre Antônio Timbane**  
**Alyxandra Gomes Nunes**  
**Bas'lele Malomalo**  
**Detoubab Ndiaye**  
**Ivaldo Marciano de F. Lima**  
**Jacimara Vieira dos Santos**  
**Pedro Acosta Leyva**

### Editor-Gerente

[Ivaldo Marciano de Franca Lima](#)

### Editores

[Detoubab Ndiaye](#), Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus II  
[Dr. Pedro Acosta Leyva](#), UNILAB - São Francisco do Conde /Ba, Brasil

## **EDITORIAL: ANGOLA DO TEMPO PRESENTE**

**Ivaldo Marciano de França Lima**

Como bem sabe o leitor e a leitora, África(s) tem como propósito maior (mas não só!) divulgar e difundir artigos e ensaios que tragam novas pesquisas sobre o continente africano, desde que sob o escopo dos Estudos Africanos, na qual entendemos estar incluída a História da África. E aqui pede-se licença, para uma breve reparação em torno de uma confusão que se observa, sobretudo, entre colegas doutos, acadêmicos ou não, de que ambas, História da África e Estudos Africanos, constituem sinônimos. Ledo engano e erro crasso. Pode-se afirmar que a História da África esteja imersa no âmbito dos Estudos Africanos, mas este incorpora outras áreas do conhecimento, das quais a História é uma parte fundamental, mas não a única! Assim sendo, este periódico privilegia os trabalhos que tenham maior afinidade com as Ciências Humanas, sem que isto signifique desprezo ou recusa de artigos que caminhem por outras áreas.

Tudo em nome de um propósito maior, qual seja, de contribuir minimamente para que a sociedade brasileira tenha maior conhecimento do espaço geográfico que na atualidade é nomeado por África. Sim, este é nosso propósito, e nos estranha receber críticas injustas (ou confusas), ao nosso ver, de colegas que exigem deste periódico a publicação de artigos que aludem ao que se nomeiam por estudos da raça, das questões referentes aos problemas dos brasileiros entre si, seja nos aspectos da cor da pele, gênero, ou mesmo de suas práticas e costumes culturais. Ora, o título do periódico revela o propósito, qual seja, o de divulgar e difundir questões em que a África seja o centro da questão, e de preferência que se tome seu espaço como objeto. Óbvio que haverá colegas com outras concepções ou pontos de vista, mas estes, em se tratando de nossa política editorial, deverão observar os propósitos de um periódico que se pauta em regras balizadas no parecer às cegas, de uma busca pela isonomia em todos os sentidos.

Óbvio que isto se traduz na expressão de uma concepção, qual seja, a de que a História da África é aquela que se passa em solo africano, o que nos leva a afirmar que os inúmeros aspectos condizentes com práticas e costumes dos que se nomeiam (ou se reconhecem!) como negros será entendido como a história do espaço que vivem. Isto nos traz questões diversas, levantadas por diferentes estudiosos, e em certa medida aumenta nossa tarefa árdua de dialogar, pelejar....

Como forma de cumprir esta hercúlea tarefa, África(s) toma para si, mesmo que de forma compulsória, todos (ou quase todos!) os problemas existentes neste fecundo campo de estudos. Desde as mais simplórias representações sobre o continente africano que predominam no senso comum da sociedade brasileira, passando pelos resquícios do colonialismo que retroalimentam

as imagens de uma “África” como “lugar”/espaço destituído de valores e elementos civilizacionais (e que de certa forma tem intensa e visceral relação com as representações do senso comum), e desaguando nas já costumeiras ideologizações que contaminam significativa quantidade de trabalhos oriundos da academia, tudo isto constitui parte das dificuldades existentes entre os que pugnam pelo entendimento da África a partir dela própria, ou, de seus diferentes modos, costumes, práticas e pontos de vista. Para o continente africano, conforme o nome de nossa egrégia revista, é importante considerar o termo: África(s), pois se há um espaço, existem povos e estes percebem-no em diferentes sentidos e acepções!

Ora, como se não bastassem os problemas quotidianos, existentes numa universidade que se fecha ao conhecimento da história, como também dos saberes, práticas e costumes de povos que vivem em espaços fora do eixo “Europa do oeste-EUA”, este periódico, assim como o leitor e a leitora, vive também as agruras de um tempo em que um simples espirro ou tosse pode se constituir em olhares de desconfiança para quem tenha uma “simples gripezinha”. Sim, prezado leitor e estimada leitora, vivemos tempos difíceis, adustos, mas nada que nos tire a esperança de voltarmos a sorrir como outrora, mesmo que para isto tenhamos de reconstruir tudo, pedra por pedra.

Sim, prezado leitor e estimada leitora, sentimos na pele as dificuldades de estar em um portal que sofre ataques de hackers por razões diversas, como também todos problemas decorrentes de um vírus que mata, a despeito de alguns brasileiros acharem que a pandemia se resolve sem as medidas tomadas logo no início, de isolamento social. O vírus continua matando, infelizmente, e os insanos seguem sua trajetória de destruição... E nós, em diferentes aspectos, seguimos tentando respirar, sorrir e viver, pois vale a pena viver a vida, apesar de tudo e de alguns que acreditam numa terra plana. Este periódico está noutra perspectiva!

Mas, apesar de todas as dificuldades e problemas, podemos celebrar a vida, e esta se expressa no que fazemos de melhor, no caso, estudos sobre o continente africano. Neste número trazemos um dossiê organizado por três exímios doutos nascidos em Angola, dotados da mais rara expertise e refinamento intelectual em termos da análise, argumentação e olhar. No dossiê, que será apresentado por seus organizadores, será possível o leitor e a leitora terem a sua disposição trabalhos escritos por angolanos e brasileiros, numa belíssima harmonia de olhares para com o país das palancas negras, contemplando áreas diversas das Humanidades. Isto, prezado leitor e estimada leitora, nos enche de satisfação e serve de regozijo, para que tenhamos como manter a caminhada, mesmo que se faça necessário enfrentar desonestidades, agruras, tristezas e fascismos... Ops! Com o perdão da palavra, mas este editor desejou escrever outro termo, no caso, “obscurantismos”, mas, como ainda não foi inventada a borracha para apagar palavras em textos virtuais, tomaremos a primeira como sinônimo da segunda.

Este número traz também três artigos belíssimos, explorando temáticas que contemplam espaços distintos ao do dossiê, no caso, Congo Kinshasa e Moçambique. O primeiro artigo, intitulado “**Rei branco, morte negra: um olhar sobre a trajetória psicopolítica de Leopoldo II da Bélgica**”, entabula uma análise em torno das memórias existentes sobre o soberano belga, a partir de uma profícua revisão bibliográfica em que são observadas questões alusivas ao modo como a Bélgica teve seu lugar de império colonial em meio a outras potências europeias, além de arregimentar recursos para fomentar sua economia e lugar político. A análise feita por Felipe Honorato é fundamental para entender outras questões em torno das memórias do outrora soberano dos belgas, e de como estas se constituem em questão para pensar o processo.

O segundo artigo, intitulado “**O Lobolo e suas narrativas: implicações históricas e sociais de um ritual vivo**”, traz consigo uma excelente discussão sobre como práticas e costumes “ditos” tradicionais podem ser entendidas sob o signo da recriação. Rhuann Fernandes mostra, a partir de uma prática localizada em um dado espaço, que o continente africano necessita ser observado com maior rigor, e que determinados olhares não conseguem dar conta das múltiplas possibilidades do fazer e refazer cultural dos povos africanos. E o lobolo é a forma como o autor encontrou para indicar mudanças e observar determinadas dinâmicas, e de como isto poderia suscitar análises mais gerais sobre outros povos do continente.

O terceiro e último artigo, construído a quatro mãos por Marina Di Napoli Pastore e Flávia Ferreira Pires, intitulado “**Crianças moçambicanas em tempo de distanciamento social**”, procura discutir a vida das crianças, suas brincadeiras e interesses em tempos de pandemia. O artigo traz questões de grande envergadura e importância para o entendimento das sociabilidades no âmbito das Ciências Humanas, uma vez que as autoras buscaram situar suas observações em Moçambique, de modo a perceber como as crianças residentes em Maputo e em Matola percebem os contextos e circunstâncias causadas pela pandemia que por ora enfrentamos. Eis aqui um artigo que certamente será objeto de apreciações e análises por parte dos estudiosos da pandemia em solo africano.

Enfim, mais um número de África(s) para ser lido, debatido, criticado, apreciado... Esperamos que o leitor e a leitora se sintam felizes com todos (ou parte) os artigos ora apresentados, reforçando os laços existentes entre os que fazem a revista, os que escrevem e os que leem. Como tudo nesta vida, nosso sentido de existir se funda nesta relação em que todas as partes estão contempladas. Aos leitores e leitoras, nada mais a desejar, além de que tenham uma excelente leitura!